



*Memórias maravilhosas / Faz o fado em cada dia / Torna em poemas as
prosas / E das horas mais penosas / Extrai esta estranha alegria*

(‘Do Fado Cathedral’)

ESTAMOS SEMPRE A COMEÇAR

Para quem começou a compor fados sem ter chegado ainda à idade dos dezoito anos, era inevitável que um dia, mesmo que três décadas e meia mais tarde, viesse a cantá-los em público e a gravá-los para aqueles que os quiserem ouvir, lado a lado com outras canções “em vários estilos, línguas e compassos” (‘Fado na garganta’).

Não me vou substituir em discurso ao que escrevo e canto em versos como estes de ‘Direi que a vida vale um breve fado’: “Julguei que o

fado não me pertencia/Apenas estando só eu o cantava”. Assim aconteceu por muito tempo, mercê de uma especial reverência para com o que o fado exige do intérprete, talvez por não me sentir ainda preparado para o fazer. Na minha infância eborense, cresci ouvindo fado ao vivo e em casa, na voz sentida da Tia Tuta, fadista amadora, que me deliciava ouvir na ‘Rosa enjeitada’, na ‘Maria Madalena’, ou no ‘Ai Mouraria’ - para além das parcerias cantantes mais ligeiras de ambos em dueto. Já então para mim o fado era dotado de uma estranha alegria: a alegria de quem se comove, liberando pelo canto o amargor que lhe vai por dentro; a alegria de exorcizar o sofrimento e as decepções dos dias; a celebração por haver vida depois da morte de ilusões que nutrem o próprio viver.

“Cantar o fado é uma filosofia”, diz um verso em ‘A dor do Universo’, canção que nasceu para uma das peças de teatro que escrevi (*O túnel dos ratos, comédia sombria* estreada em 2004, pelo Centro Dramático de Évora, onde a actriz Maria Marrafa interpretava a canção na personagem de Sofia, singular cantora de fado-blues), à semelhança de tantas outras que compus – onze delas incluídas nestes dois discos – motivadas pela efémera cena do teatro. Mas as canções subsistem-nos na voz e nos ouvidos da memória. Era já tempo de reactivar as origens do que me impeliu para a aventura da escrita: a escrita de canções. E pelo teor das minhas composições mais recentes, em especial ‘Fado é tristeza contente’, (escrito para o espectáculo teatral *Blind eye*, no qual o interpretei ao vivo no Estrela Hall, em Lisboa, peça de Susannah Finzi encenada por Valerie Braddell em 2014, produção dos Lisbon Players), percebi que chegara o momento de reatar com o fado um compromisso que fui deixando adiado ao longo de mais de trinta anos, no decurso dos quais mestres académicos e escritas para a cena foram sendo protagonistas; com excepções esporádicas como a da festa que foi também a da minha despedida de docente do ensino secundário, em Junho de 1998 (antes de ingressar na Escola Superior de Teatro e Cinema), em Évora, no salão polivalente da Escola Secundária Gabriel Pereira, onde estreei ‘Minha Terra’ (com poema de Florbela Espanca) e ‘A vida é uma mulher que canta o fado’, acompanhado à viola por um aluno meu de Filosofia, desse mesmo ano, um então jovem cantor e músico muito promissor chamado Duarte – também por isso o desafiaria agora a partilhar um tema de um destes discos, que seria ‘Memória incerta’.

Três outros fados meus aqui incluídos foram responsáveis para que eu voltasse, em data recente, a dar voz à mais antiga das minhas vocações, a de cantautor. Foram eles ‘O fado da fortuna’, ‘Vai, dança com ela’, e ‘Luís de Camões na Casa de Linhares’, com os quais tive o meu baptismo como fadista em casa de fados, em 5/2/2015, graças ao honroso convite de Jorge Fernando e de Vânia Duarte (com Guilherme Banza na guitarra portuguesa), na Casa de Linhares, local que me inspirou o terceiro dos temas mencionados: por ser a derradeira morada conhecida de Luís de Camões; por ter o edifício sobrevivido ao terramoto de 1755; e por se ter tornado, como escrevi num dos seus versos, “um templo ao fado consagrado”. Jorge Fernando e Vânia Duarte (que chegou a ser minha aluna do mestrado em Teatro e Comunidade, na ESTC) tinham, pois, de algum modo, de estar presentes em *O Fado é estranha alegria: o primeiro* por via do tema em que o homenageio, assinalando os seus quarenta anos de carreira, cumpridos em 2018; a segunda, pela sua gentil parceria vocal em ‘Vem dançar comigo um fado’, um tema de 1997, publicado em livro (Évora: Casa do Sul, 2002), tal como ‘A lavadeira no tanque’, em partitura transcrita por Paulo Jorge Pires (visto que associei este fado-canção à versão dramaturgica mais extensa de *Audição – Com Daisy ao vivo no Odre Marítimo*, versão que viria a estrear no Teatro Baltazar Dias, no Funchal, em 2004, protagonizada por Élvio Camacho, que a encenara em Lisboa no Teatro Maria Matos no ano anterior).

Também não poderiam deixar de comparecer, neste trabalho meu que acaba por antologiar muitos anos de criações: o violinista António Barbosa - o mais virtuoso dos músicos meus colegas de juventude da Academia de Música Eborense - que me incentivou a divulgar os três temas nomeados e me apresentou ao elenco da Casa de Linhares; bem como o músico João Cágado, grande cúmplice eborense de andanças musicais juvenis, com quem gravei as primeiras maquetes dos três fados, entre muitas outras criações - pois o João está aqui presente pelos arranjos originais que fez e cujas coordenadas Mário Rui Teixeira adoptou na gravação destes e de outros quatro temas (‘A dança das saias’, ‘Minha terra’, ‘Tempo de sorrir’ e ‘Eternidade dos cantores’). Mas este duplo CD faz-se também de canções muito recentes, como é o caso da música para o poema pessoano ‘Vem dos lados da montanha’, composta a propósito para o dueto com a cantora Maria Repas Gonçalves, professora de Voz e Música na ESTC, colega colaboradora deste projecto que agora publico. Ao conjunto de convidados, junta-se a voz tão carismática de André

Baptista, fadista do elenco residente da Casa de Linhares, que me concedeu o privilégio de comigo partilhar este ‘Há sempre um fado corrido’, com quadras em que ele foi o árbitro para a versão final da minha escrita, e, ainda, a presença amiga e surpreendente de Vanda Junot, cantora que conheci em noite de fados na Casa Raphael Baldaya, e aqui me acompanha, como só ela, em ‘Um fado ao Jorge Fernando’.

Por seu turno, a residência artística que realizei como fadista no Café Luso, em Outubro de 2017, foi ocasião feliz para compor um fado festejando este espaço mítico, nos seus 90 anos de existência, ‘Do Fado Catedral’, simbólica dedicatória a Elsa Laboreiro e a quantos ali realizam o fado a cada noite. “As casas de onde o fado vem” (verso meu de um fado que aqui não incluo) são para mim lugares inspiradores que me incitam à composição de temas musicais a elas alusivas. Outros mais tenciono divulgar em gravações futuras, mas para já seleccionei dois temas cujas líricas começaram a ser escritas *in loco*: ‘Sentas-te à Mesa de Frades’; e ‘Meu Clube é o Fado’ (este último, um tema que presta o seu tributo ao guitarrista e compositor Mário Pacheco).

O apoio do Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores, em 2017, e o subsídio concedido pelo Gabinete de Projectos Especiais e Inovação do Instituto Politécnico de Lisboa, em 2018, permitiram os trabalhos de estúdio, sucessivamente, de *Fado altas horas* e de *O Poeta e o Cantor*, dois álbuns que decidi dar a público em simultâneo, dadas as afinidades de repertório e de equipa artística que os concretiza, sob a designação conjunta de *O Fado é estranha alegria*, que intitula a reunião destes dois álbuns gémeos, e é expressão que ocorre em quadra citada em epígrafe, da letra de ‘Do Fado Catedral’. E se *Fado altas horas* deriva do título do tema ‘Altas horas canto eu fado, já *O Poeta e o Cantor* provem do verso de abertura de ‘Comboio de corda’, glosa que ousei a ‘Autopsicografia’ de Fernando Pessoa, essa *arte poética* genialmente vertida em três concisas quadras, aplicável não somente a poetas, mas também a cantores e actores e demais fazedores de arte que nela se revejam.

O Piano em Pessoa, projecto em parceria com António Neves da Silva, com concertos realizados no país, em Espanha e no Brasil, desde 2012 e publicação de CD homónimo em 2018, antecedeu *O Fado é estranha alegria* e, para além de me ter proporcionado a auto-confiança necessária para empreender esta outra etapa, após tão longo pousio,

permitiu-me trabalhar em estúdio com o maestro Mário Rui Teixeira. Depressa percebi que a versatilidade artística e a vastíssima experiência do Mário Rui seriam ideais para nele apoiar a concretização deste duplo CD, que a ele tanto devo, enquanto produtor musical, arranjador e director de uma equipa de músicos, constituída por Manuel Ferreira e João Vaz (ambos na guitarra portuguesa), por Miguel Silva (viola de fado, bandolim e rajão), Paulo Neves (baixo acústico), e Jaume Pradas (percussões). Ao Miguel Silva, já eu o havia encontrado aquando da minha breve passagem pelo Café Luso e acompanhar-me-ia ele também, juntamente com Manuel Ferreira, na guitarra portuguesa, no meu primeiro concerto a solo como fadista no estrangeiro, em Atenas, em 22/11/2017, no Cabaret Voltaire - no momento da produção cénica, em tradução grega, da minha peça teatral *Resgate*, no Teatro Alkmini, em Atenas. Na cidade onde o teatro nasceu a Ocidente, e também conduzido lá pelo teatro, principiaria para mim, ante o meu grato espanto, a etapa musical que esta gravação materializa. Artimanhas de Dioniso, em conluio com Apolo, por certo assistidos por Hermes e Perséfone.

Nestes dois CDs, reúnem-se em suma: vinte e seis fados (assim os designo numa acepção ampla deste género musical), seis deles em músicas de fados tradicionais com poemas meus (Fado Carriche, de Raúl Ferrão; Fado Calixto, de Miguel Ramos; Fado Isabel, de Fontes Rocha; Fado Súplica, de Armando Rocha; e os populares Fado Menor e Fado Corrido) e vinte originais (incluindo dez fados com refrão), quatro deles com poemas de outros autores (Florbela Espanca, Fernando Pessoa, António Patrício, e Tiago Torres da Silva); e catorze canções (quatro delas com poemas de Natália Correia, Miguel Torga, e Fernando Pessoa) com sonoridades tão diversas como fado-tango ('Modinha do fadista quando esquece a letra'), fado-blues ('A dor do Universo'), malhão ('A lavadeira no tanque'), saias ('A dança das saias'), morna ('Comboio de corda'), bossa nova ('Súplica'; com poema de Miguel Torga, na qual descubro *a posteriori* ter feito uma espécie de involuntária evocação da passagem biográfica do jovem poeta por terras brasileiras), ou a abordagem afro, para a reescrita da redondilha camoniana, 'Descalça vai de turbante' (tema da peça *Lianor no país sem pilhas*, publicado em partitura, com transcrição de António Neves da Silva, na edição em livro de 2001, pela portuense Campo das Letras).

Não sendo este repertório exclusivamente constituído por fados, o fado, mesmo na sua mais heterodoxa e híbrida abordagem, é seu mote fulcral e alma motriz; não obstante integrar canções que não são de todo fado, como sejam: a sonoridade medieva, em formato bilingue luso-inglês de ‘Trova Provençal’/‘Song of Provence’, das peças *Maria de Magdala* (com tradução em inglês, de Alex Ladd, a partir da qual reconstituí a métrica e a rima) e *O eunuco de Inês de Castro*; os ritmos de sabor étnico, para poemas de, respectivamente, Natália e Pessoa, de ‘O poema substitui uma lágrima’ e ‘Vem dos lados da montanha’; a canção *pop*, elegíaca por antecipação, ‘Eternidade dos cantores’, de 1998, incluída e publicada em partitura na peça *A última lição de Hipátia* (Porto: Campo das Letras, 2004); a balada ‘Um herói por três minutos’ (com a qual tentei em vão a sorte nas candidaturas ao Festival RTP da Canção de 2018); e o tema anglófono ‘A goddess within’, de 2016, da peça *A Mãe Biológica de Marilyn Monroe* - canção que conheceu a sua estreia mundial em Houston (Texas), na Primavera de 2017, por intermédio da versão *pop* que dela fizeram a cantora Laura Macedo (que a interpretou) e o músico Marcelo Silva (que a gravou e produziu), destinada à banda sonora da estreia norte-americana da peça, numa tradução inglesa de Susannah Finzi (*The Real Mother of Marilyn Monroe*), no MATCH/Midtown Arts & Theater Center Houston, encenada pela luso-americana Clara Ploux para a companhia teatral que fundou e dirige na cidade texana, a Luciole International Theatre Company que, também por esta razão, se constitui como parceira na edição do presente trabalho fonográfico e respectiva divulgação nos EUA.

Neste (re)começo, 36 anos volvidos das minhas iniciais composições para fado, incluo ainda os primeiros dois fados que compus na tenra idade de que falava no início deste texto introdutório: ‘A vida é uma mulher que canta o fado’ (este tema, cujo cenário é a minha cidade-natal e em que a segunda metade da letra foi composta em 1993/94, dez anos após as estrofes que o originaram, surge inserido em 1995 numa peça que considero de juventude, mas seminal para escritos dramáticos meus futuros: *A Ilusão Cósmica*), e ‘Nem sei dizer se é um fado’; cuja letra é o primeiríssimo dos poemas de Pessoa que musiquei, optando mais tarde por intitulá-lo por este que é o segundo verso do poema, de modo a não se confundir com o título da bela composição que Mário Pacheco destinou para a voz de Mariza (‘Há uma música do povo’) com quatro das cinco quadras deste poema pessoano, porventura o mais arrebatador que

Pessoa escreveu tendo a música do fado como motivação poética. Por via deste seu poema (colhido na velhinha edição brasileira Nova Aguilar, em papel bíblia, que pela primeira vez reunia o que então era édito da obra poética pessoana), esteve Pessoa na origem da minha criação musical pelo fado contemplada, numa composição de 1983, trazida agora para estúdio (nunca esqueci o ano em que a compus, por ser o mesmo em que vi publicada a minha estreia literária em livro, pelo opúsculo de poemas que foi uma eborense juvenília, de nome *Limiar*). Não sabia eu a essa data que somente dezanove anos antes tinha Pessoa começado a ser cantado e gravado em música de fado pela voz de Maria da Fé que, até prova em contrário, terá sido a primeira fadista a fazê-lo, em álbum seu de 1964, com o tema 'Sino da minha aldeia', no popular Fado das Horas.

Lisboa, 22 de Setembro de 2019

Armando Nascimento Rosa

O FADO É ESTRANHA ALEGRIA

Líricas dos temas do duplo CD

CDa: O POETA E O CANTOR

CDb: FADO ALTAS HORAS

CDa: O POETA E O CANTOR

1a

COMBOIO DE CORDA

Glosa de **Nascimento Rosa** ao poema ‘Autopsicografia’,

de **Fernando Pessoa**

Música de **Nascimento Rosa**

[*refrão*:] O poeta e o cantor
Fingem tão completamente
Chegam a fingir que é dor
A dor que cada um sente

Mas que será do cantor
Se a cantar finge o que sente
Ou se a sua dor maior
Foi a voz que a fez ausente

refrão

E os que escutam o que canta
Na dor que ouvem sentem bem
Não as dores dessa garganta

Mas outra que é dor também

Sempre que a voz nos acorda

Ela diz isto à razão

Não chames comboio de corda

Ao teu pobre coração

refrão

2a
VEM DANÇAR COMIGO UM FADO

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Dobrado o cabo do novo milénio
Não podemos continuar neste carpir
Prendendo o fado ao traje grave e sério
Traumatizado por Alcácer Quibir

É demais já tanto choro à média luz
Morto o império, basta de velório
Olhar só para trás não me seduz
Entre copos, desamores e purgatório
E olhar só para trás não me seduz
Entre copos, desamores e purgatório

Vamos pôr o fado a ser mestre do baile
Dado às luzes desta noite toda acesa
E este ritmo irá fazer voar teu xaile
Ao convite da canção mais portuguesa

refrão: Se ouvires o apelo das guitarras
 Vem dançar comigo um fado
 Mora nelas o Verão que é das cigarras

A trinar por todo o lado
Ao som bom das lusitanas guitarras
Vamos dançar este fado
Sereias a vibrar tu as agarras
Se fores no passo acertado

Por dares o corpo ao fado centenário
Não lhe roubas nem a alma, nem o coração
O seu mistério está em ser tão vário
Casou o futuro com a tradição

Se gostares tu mais do fado dos sentados
Não vou por isso zangar-me contigo
Sempre há um lugar pra todos os fados
Se neles encontrares um porto de abrigo
Sempre há um lugar pra todos os fados
Se neles encontrares um porto de abrigo

E que não fiquem chocados os puristas
Com um fado dançarino e trepidante
Ele sempre foi um tipo a dar nas vistas
És da noite fado o sonhador amante

refrão: Se ouvires o apelo das guitarras
Vem dançar comigo um fado
Mora nelas o Verão que é das cigarras

A trinar por todo o lado

Ao som bom destas ciganas guitarras

Vamos dançar este fado

Sereias a vibrar tu as agarras

Se fores no passo acertado

3a**O POEMA SUBSTITUI UMA LÁGRIMA**Poema de **Natália Correia**Música de **Nascimento Rosa**

Tirem ao poeta a chupeta
da sua enevoadá viola,
suas mãos ficarão então
no gesto de pedir esmola.

Dêem-lhe uma tinta vígil
para que de exterior se pinte,
nenhum grito dará flor
em seu hectare de pedinte.

Ponham sim onde diz não
modo seu de amar a vida,
ficará recipiente
de cinza casualmente
por sete palmos unida.

Eduquem sua visão
pelo sonho deseducada,
friamente seu coração
ficará pronto para nada.

4a**MEMÓRIA INCERTA**Letra e música de **Nascimento Rosa**

À flor da voz oiço um fado
Que me não sai da cabeça
Tenho de o deixar gravado
Pra que dele não me esqueça

Pra que dele não me esqueça
E se escape a melodia
Antes mesmo que anoiteça
Perder um fado eu não queria

Perder um fado eu não queria
Pois se ele está no ouvido
Assim que se esgote o dia
Pode o fado ser esquecido

Pode o fado ser esquecido
Porque a memória é incerta
Fica-me o canto perdido
Numa música deserta

Numa música deserta

Procurei sintonizar

A toada que desperta

E ouvi-la fez-me acordar

E ouvi-la fez-te acordar

E aprendeste-a tão depressa

Se este fado eu não lembrar

Haja um de nós que o não esqueça

És tu que o vais recordar

Já te não sai da cabeça

5a

DESCALÇA VAI DE TURBANTE

Letra (glosa à redondilha camoniana) e música
de **Nascimento Rosa**

[*refrão:*] Descalça [descalça] vai de turbante
Lianor pela savana
[Descalça, descalça vai de turbante]
Bela pastora africana

Leva as vaquitas com ela
Pra irem beber ao rio
Matar a sede e o fastio
No espelho de água viçosa
Dás risada bem dengosa
Cintila ao sol a pele escura
Sem sinais da vida dura

refrão

Lianor, Lianor, Lianor, Lianor, descalça
Lianor, Lianor, Lianor, Lianor, descalça

Danças tua silhueta
Sob esse lenço traçado
Vermelho largo estampado
A luz que trazes morena
Faz a selva ser pequena
Pra te guardar a escultura
Sem sinais da vida dura

refrão

Lianor, Lianor, Lianor, Lianor, descalça
Lianor, Lianor, Lianor, Lianor, descalça

6a

SOMOS AVES DE ASAS PRESAS

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Deixei a minha voz ganhar ferrugem
Quem sabe esteja a tempo de apurá-la
E agora tantos fados em mim surgem
Nem mesmo ausência de guitarra os cala

Há aves que nos vivem na cabeça
Há asas na rasura da tristeza
Esvoaçam pra que a voz as anoiteça
E a luz que à noite trazem fica acesa

São aves que se tornam em morcegos
Pra escutarem além da escuridão
A voz que canta os seus desassossegos
No ritmo com que acorda o coração

Damos aos braços, ganha-se altitude
Em sonhos a gente julga que voa
E assim voando o sonhador se ilude

É um sonho comum a qualquer pessoa

Damos aos braços, ganha-se altitude
Em sonhos a gente julga que voa
E assim voando, fiados que algo mude
Nosso desejo em sonhos se apregoa

Sei bem a força que tem a ilusão
No vento seu se voa além da vida
Aves somos e as asas presas estão
Ao tempo, ao espaço, à espera consumida

Fala o fado da nossa condição
Do peso que nos pesa e atropela
Onde a queda nos cola a cara ao chão
Abre o fado a visão de uma janela

Essa janela de onde a gente salta
Nesta jaula de estrelas confinados
Aves presas cantamos em voz alta
E a pena se alivia ao som dos fados

Oiço a janela de onde a gente salta
Na cela desta vida divididos

Cantar faz da prisão uma ribalta

O fado é a vitória dos vencidos

Aves presas cantamos em voz alta

O fado, esta vitória de vencidos

7a

PÓRTICO

Letra de **Nascimento Rosa**

Música do **Fado Súplica**, de **Armando Machado**

Que missão é esta, que intenso desígnio
me traz silêncio por sons habitado
Os versos o acendem e o canto define-o
Seu rosto é profano, seu rito é sagrado

Tive um dia um sonho em que era peregrino
junto a um rochedo na areia do mar
Em vestes antigas orava ao destino
Não soube o sentido que o sonho quis dar

Há já muito tempo que eu procuro a chave
de um sonho ao sol que tanto me intrigou
E talvez só hoje este meu canto grave
na forma de um fado o que o sonho ditou

Lembro o pórtico na rocha milenar
por mãos de outrora aberto ao mar azul

Estranho culto ali me fez desembarcar

Rumava sem norte pra chegar ao sul

Que fazia eu nessa língua de areia?

Que mistério havia a ser-me confiado?

A resposta estava em mim e eu achei-a
quando abri a vida minha à voz do fado

8a

NEM SEI DIZER SE É UM FADO

Poema de **Fernando Pessoa**

Música de **Nascimento Rosa**

Há uma música do povo,
Nem sei dizer se é um fado
Que ouvindo-a há um ritmo novo
No ser que tenho guardado...

Ouvindo-a sou quem seria
Se desejar fosse ser...
É uma simples melodia
Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...
É isso mesmo que eu quis...
Perdi a fé e o caminho...
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora
A vaga e triste canção...

Que a minha alma já não chora

Nem eu tenho coração...

Sou uma emoção estrangeira,

Um erro de sonho ido...

Canto de qualquer maneira

E acabo com um sentido!

[E ouço-a embalado e sozinho...

É isso mesmo que eu quis...

Perdi a fé e o caminho...

Quem não fui é que é feliz.]

9a**A DANÇA DAS SAIAS**Letra e música de **Nascimento Rosa**

As saias são quadras soltas
Dançadas com trancanholas
No pó das eiras revoltas
Por pandeiros e violas

As palmas marcam os passos
Dos pares que bailam ladinos
Seus corpos fingem os laços
Que há nos amores campesinos

São ritmos vindos da terra
Olhos ágeis numa dança
Tão antiga que não erra
Na festa que a tarde avança

refrão: Em glória a dança das saias

Soa a licores de poejo
Se beberes demais não caias
No quente chão do Alentejo

Serão adentro quem dança
Promete às estrelas o rosto
Os pés um pouco descansa
Pra ver foguetes de Agosto

Braços virados ao céu
Neste ritual profano
Pedem tudo o que é só seu
A um deus que se sinta humano

Se vieres treinar as saias
Verás não ser simples dança
E um dia que daqui saias
Não te saem da lembrança

refrão

Está a noite de abalada
'Inda o canto nos habita
Saudamos a alvorada

Nas vozes da despedida

10a

A VIDA É UMA MULHER QUE CANTA O FADO

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Évora, ao passares madura e bela,
acaso eu algum dia te agradei;
Cruzaras meu caminho com o dela
e os mouros olhos teus em si achei.

Será que uma cidade pode ter
nas suas mãos o destino traçado
de todos os que nela vão fazer
de cada dia um pouco do passado?

No tempo esta paixão gravada em ti,
Toada de silêncio enclausurado;
Quando a alma de um homem chora e ri,
a vida é uma mulher que canta o fado.

Quando a alma de um homem chora e ri,
a vida é uma mulher que canta o fado.

Évora, paisagem de ninguém,
num rosto de museu eternizada;
Revela-me a muralha onde é refém
aquela que eu perdi depois de amada!

Janelas de loucura e mansidão
à luz torrencial do astro-rei;
Quiseras dar-me voz pra uma canção
que a música vivi mas não escutei.

Em pedra o corpo teu tornou daqui,
Escapaste anoitecida do meu lado;
Quando a alma de um homem chora e ri,
A vida é uma mulher que canta o fado.
Quando a alma de um homem chora e ri,
A vida é uma mulher que canta o fado.

Quando a alma cantora chora e ri,
És Évora a mulher deste meu fado.
Quando a alma cantora chora e ri,

És Évora a mulher deste meu fado.

11a

VEM DOS LADOS DA MONTANHA

Poema de **Fernando Pessoa**

Música de **Nascimento Rosa**

[*refrão:*] Vem dos lados da montanha
Uma canção que me diz
Que, por mais que a alma tenha,
Sempre há-de ser infeliz.

O mundo não é seu lar
E tudo que ele lhe der
São coisas que estão a dar
A quem não quer receber.

refrão

Diz isto? Não sei. Nem voz
Ouço, música, à janela
Onde me medito a sós
Como o luzir de uma estrela.

refrão

12a

MEU CLUBE É O FADO

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Chama-se Clube de Fado
Em Alfama tem morada
E onde o fado é mais amado
Plo canto és arrebatado
Já daqui não saís por nada

Esta casa é talismã
No coração da cidade
Venhas hoje ou amanhã
Cada noite é uma romã
Não queres nunca que ela acabe

A bela luz de Lisboa
Aqui se transforma em som
Pra te iluminar, ressoa

Descobres-te outra pessoa

Que o fado tem este dom

Há no clube a mão de artista

Entras, sentes-lhe a presença

A visão de um guitarrista

Faz deste espaço intimista

Palco de uma herança imensa

O fado é filho do tempo

Tal como esta nossa vida

Passageira de um momento

De alegria e sofrimento

Olhos cor de despedida

Dizes que teu clube é o fado

O meu também, te garanto

Já pra mim não há relvado

Com jogo mais desejado

Do que a paixão deste canto

Na ribeira deste rio

Há uma música do povo

Um cavaleiro a ouviu

Nos versos que ao fado abriu

Pessoa cantou de novo

Chegando à porta da rua

Eu já estava emocionado

E à mesa a música é tua

Fica-se assim de alma nua

No nosso Clube do Fado

13a

SÚPLICA

Poema de **Miguel Torga**

Música de **Nascimento Rosa**

Agora que o silêncio é um mar sem ondas,

E que nele posso navegar sem rumo,

Não respondas

Às urgentes perguntas

Que te fiz.

Deixa-me ser feliz

Assim,

Já tão longe de ti, como de mim.

Perde-se a vida, a desejá-la tanto.

Só soubemos sofrer, enquanto

O nosso amor

Durou.

Mas o tempo passou,

Há calma...

Não perturbes a paz que me foi dada.

Ouvir de novo a tua voz, seria

Matar a sede com água salgada.

14a**PASSEIO NA NÉVOA**Poema de **António Patrício** *Música de **Nascimento Rosa**

A névoa põe-nos máscaras, amiga...
É um carnaval de lágrimas em tudo.
Parece que esta noite é muito antiga,
Há séculos nos espia em seu veludo.

Levanta o véu. Não sei: quando te beijo,
Quando te beijo a boca, beijo bruma,
E, em ruas de cidade, o meu desejo
Vai por entre ondas a tocar a espuma

É uma longínqua música, em surdina,
Que dentro em mim ecoa sem cessar;
A noite é fluída, tem voz argentina,
E um pouco fria... Sinto perto o mar.

Ouve baixinho o que te digo: pensa,
Neste veludo húmido levada
Que a vida toda é uma névoa imensa
Em música de sonho evaporada...

Tudo o que amamos vem a nós, se acerca
(a lua agora flui na névoa em jorro)
E já não tenho medo que te perca:
É bom sentir que morres e que morro

O que eu pedi aos livros e a Deus,
O que eu pedi às árvores e ao mar,
Sinto-o na névoa como os olhos teus,
- o heroísmo humilde de aceitar...

E ao romper de alva, quando este disfarce
Já for a estremecer, desapareça,
Como uma rosa branca a desfolhar-se,
Que o teu sorriso volte e me adormeça...

** Nesta selecção composta por sete das vinte e uma quadras do poema de António Patrício, 'Passeio na Névoa', houve substituição de palavras, na adaptação ao canto, nos seguintes três lugares do alinhamento*

escolhido: no verso 4, 'espia' substitui 'rola'; no verso 8, 'tocar' substitui 'bicar'; no verso 11, 'tem voz' substitui a repetição da palavra 'fluída'.

15a

HÁ SEMPRE UM FADO CORRIDO

Letra de **Nascimento Rosa**
Música do **Fado Corrido** (popular)

Há sempre um fado corrido

À espera de uma guitarra

É das ruas aguerrido

A ver se alguém o agarra

Mal ouve o som da guitarra

O fado corre a cidade

Toda a noite anda na farra

Só dorme se há claridade

Na cama o fado já sabe

Quem o espera de amor puro
É sua amante a saudade
Companheira do futuro

O futuro ama a saudade
Mas a saudade não esquece
Este fado sem idade
Que o tempo não envelhece

Se o cantares nunca te esquece
Dá-te a mão se andares perdido
Nas malhas que a vida tece
Há sempre um fado corrido

16a

SENTAS-TE À MESA DE FRADES

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Do tempo em que foi capela

Mostra azulejos antigos

Sob a luz de humilde vela

Cenas de bíblia singela

E anjos a lembrar cupidos

Vês luz se alguém bate à porta

Mas só terminado o canto

Neste retiro o que importa

É que quem entrar não corta

Ao fado o fio do quebranto

refrão: Sentas-te à Mesa de Frades

Sentes o fado tão perto

E na música das frases
Há sentimentos capazes
De te deixarem liberto

Evades-te como os monges
Em meditação profunda
Viajas pra outros longes
E é só plo fado que foges
À morte que nos circunda
E é só plo fado que foges
À morte que nos circunda

Lembro como se hoje fosse
A noite em que aqui cantei
Foi o murmurar tão doce
Das guitarras que me trouxe
E tantas vezes voltei

Se não souberem de mim
Em qualquer dia de luto
Não esqueçam que eu disse sim
Ao fado e por ele vim
Colher seu eterno fruto

refrão

E é só plo fado que foges
À morte que nos circunda

17a

UM FADO AO JORGE FERNANDO

Letra e música de **Nascimento Rosa**

De anjo vem o nome Jorge
E o Fernando é de poeta
Canta o tempo na voz de hoje
Nesta arte a mais completa

Houve um fado antes do Jorge
E outro nasceu com sua pele
Fado seu nunca nos foge
Porque é de todos e é dele

refrão: Levas-nos contigo aos fados
Lanças búzios musicais
Que nos foram destinados
E não se esquecem jamais

Casas com fado à noitinha
Fazem serões fascinantes
Dás a mão à Trigueirinha
Na valsa que é dos amantes

Canções para tantas vozes
Sempre a tua arte urdiu
As cordas com que te coses
Nelas a gente as ouviu

Será saudade a que brilha
Na chuva agora caída
Falem de Amália, a partilha
No sublime adeus de 'Ai vida'

refrão

Rumo ao sul segues viagem

O desespero é que não
Despede-o nessa mensagem
Boa noite, solidão

Trovaste à rainha santa
Que tornava o pão em flores
Tal qual toda a voz que canta
Capaz de sarar as dores

refrão: Levas-nos contigo aos fados
Lanças búzios musicais
Que nos foram destinados
E não se esquecem jamais

Mil e um fados tu escreves
E outro já estás laborando
Mas hoje és tu que recibes
Um fado ao Jorge Fernando

18a

TROVA PROVENÇAL / SONG OF PROVENCE

Letra e música de **Nascimento Rosa**

(versão inglesa do autor a partir da tradução de **Alex Ladd**)

Senhora dama do sol
De rosas vens coroada
Na noite és o meu farol
No dia a minha enseada

A um gesto da tua mão
Basta um sinal do olhar
Abre-se o meu coração
E as portas do teu solar

Dá-me tecto ó Grande Deusa

Que a branca lua conduz

A alma trago eu acesa

No clarão da tua luz

Sunny mistress of the light

Roses crown your flowing hair

Beacon of my darkest night

My daily harbor, my lair

A gentle gesture of yours,

A soothing glimpse of your sight

Makes my heart open its doors

In search of your home so bright

Grand goddess, please shelter me

You who make the moon so white

I feel my soul burning free

Under the spell of your light

19a

A GODDESS WITHIN

Letra e música de **Nascimento Rosa**

She had the looks of a radiant sun
Inside her eyes there's a desperate child
who seems so tender
or might get wild
I stared at her beauty
She saw me and smiled
Alone in that bar she was still so far from the star she became
But every flash of her glowing light was there all the same

refrão:

The day I met Norma Jeane
I felt the flame of the goddess within

that young girl so glamorous gambling her life and her soul
for a role to win
the lost home she never had, never found outside the movie screen

No one could fail to be caught by her charms
whispered on air as a magical spell
She rose like flower
in a prison cell
The mask she created
was a sign of farewell
Alone in that bar she was still so far from the star she became
But every flash of her glowing light was there all the same

refrão

The day I met Norma Jeane

20a

FADO NA GARGANTA

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Tantas canções cantei na juventude
Em vários estilos, línguas e compassos
Jovem não sou mas guardo a inquietude
Que oiço a correr nas veias dos meus braços
Jovem já fui, guardei a inquietude
Retrato vivo meu em breves traços

E agora nesta idade mais madura
Quem me chamar não quer ser adiado
Se for doença eu sei qual é a cura

Sai desta voz furtiva e é um fado
Doença não será porque nos cura
Nasceu em voz de outrora e é um fado

refrão: Nunca pensei em mim como fadista
Mas sempre eu tive o fado na garganta
Nesta expressão que é sua e me conquista
Há uma grandeza ainda que me espanta
Nunca pensei em mim como fadista
Mas sempre eu tive o fado na garganta

Chamaram-lhe a canção mais portuguesa
Também correr o mundo é o seu fado
Consegue estar feliz com a tristeza
Lição que traz do fundo do passado
E sabe ser feliz com a tristeza
Inventar o futuro imaginado

Futuro que aí vem quem o previu
Neste planeta-lar ameaçado
E eu vim pr'áqui cantar em desafio
Pois não se extingue a voz se vive o fado
E eu vim jogar aqui meu desafio

Pois não morremos nós se vive o fado

refrão

21a

ETERNIDADE DOS CANTORES

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Depois da invenção dos sons em gravadores

Uma nova era nasceu para os cantores

Perduramos para além de quem nos ouve em vida

De nós fica o fantasma de uma voz amiga

Na vida do teu tempo que vier

Irás sempre escutar-me aonde quer que fores

Basta um leitor de som que à tua mão estiver

É essa a eternidade dos cantores

refrão 1: Quando eu não puder cantar

Vais ouvir a minha voz

nestes versos que eu gravar

musicais, para ti

É lá que eu estarei
E então voltarei aqui
Eu sei que voltarei aqui

bridge: Aqui onde o meu canto é a mariposa
na planura rasa
Rasgo a nado o rio
Já não sou prisioneiro
Liberto o meu bravio
coração do sequeiro

Fora do corpo a gente canta e fora de horas
Nos *i-phones*, nos cd's e nas fitas sonoras
As vozes em viagem por moderna magia
Vão dar a cor às noites de um futuro dia

Na vida do teu tempo que vier
Irás sempre escutar-me aonde quer que fores
Basta um leitor de som que à tua mão estiver
É essa a eternidade dos cantores

refrão 2: Quando eu já cá não estiver
Vais saber do meu olhar
nas cantigas que eu escrever

e deixar para ti
Nelas eu estarei
E então voltarei aqui
Eu sei que voltarei aqui

CDb: FADO ALTAS HORAS

1b

FADO É TRISTEZA CONTENTE

Letra e música de **Nascimento Rosa**

Nas mais antigas vielas
Da Lisboa popular
Nas vozes que em caravelas
Ao Tejo vieram dar

Nasceu a canção dolente
Seu choro é pra ser cantado
É uma tristeza contente
Aquela que está no fado

Com guitarras e violas
Foi seu baptismo profano
Mas nos salões há carolas
Que cantam fado ao piano

Não importa usar teclado

Se o fado sente o que diz
Hás-de ver nele estampado
A alma deste país

No bairro da Mouraria
O fado fez-se menino
Quem lhe deu tecto sabia
Estar nele o próprio destino

Este canto foi gerado
Pela voz da mulher da rua
E entregue aos braços do fado
É que ela se achava nua

Não há vinis da Severa
Mas a grande Júlia Florista
Fados gravou dessa era
Pra que esta arte persista

Hoje a técnica é imensa
Guarda-se o som em arquivo
Mas no fado faz diferença
Ouvi-lo cantar ao vivo

2b**ALTAS HORAS CANTO EU FADO**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Altas horas canto eu fado
Canto até ser manhãzinha
Se a noite dorme a meu lado
Não vou deixá-la sozinha
Se a noite dorme a meu lado
Não vou deixá-la sozinha
Canto até ser manhãzinha

A noite dorme de dia
Um sono largo e fecundo
E eu faço-lhe companhia
Quando o sol acende o mundo
Quando o sol acende o mundo

Pede-me a noite que acorde
Dou-lhe um abraço e suspira
Dá beijos como quem morde
É um amor esta vampira

Dá beijos como quem morde
É um amor esta vampira
Dou-lhe um abraço e suspira

E logo que o sol desiste
De rondar nosso portado
Ela ri pra não estar triste
E só quer que eu cante o fado
E só quer que eu cante o fado

Vivo com a noite na boca
E à boca da noite canto
Mando bocas em voz rouca
À minha amante de espanto
Mando bocas em voz rouca
À minha amante de espanto
E à boca da noite canto

Nasci na noite altas horas
Toda a noite enfrento a vida
- Ó noite será que choras
Quando eu estiver de partida
Quando eu estiver de partida

3b**MODINHA DO FADISTA QUANDO ESQUECE A LETRA**Letra e música de **Nascimento Rosa**

O que fará o cantor

Quando se esquece da letra

Improvisa como actor

Nessa arte tão maior

De inventar a ver se acerta

Um dia em que eu actuava

Perto do final de um fado

Fazia um solo a guitarra

E no momento em que acaba

Entro com um verso inventado

Ficou-me a mente vazia

No instante de cantar

Não sei o que sucedia

Se os nervos, se envelhecia

Mas não me queria calar

Era uma cantiga minha

Que eu estreava nesse dia

Com o auditório à pinha

E se a palavra não vinha

Outra nova sairia

- Ó voz, ó voz que me guia

Foi refrão improvisado

Esta frase eu repetia

A estilar na melodia

E assim terminei o fado

Não se pode é hesitar

Se a memória te atraiçoa

O segredo é agarrar

O som naquele lugar

E a voz guia uma pessoa

Quem sabe valeu a pena

Vir o doutor alemão

Em visita tão pequena

Pois se não fosse essa cena

Não nascia esta canção

Não se pode é hesitar

Se a memória te atraiçoa

O segredo é agarrar

O som naquele lugar

E a voz guia uma pessoa

4b

SÁBIO FADO MENOR

Letra de **Nascimento Rosa**
Música do **Fado Menor** (popular)

Chamam-te fado menor
Por soares assim tristonho
Mas cantas seja o que for
Nos versos que te componho

Tens essa melancolia
Pois tu vês que nesta vida
Tudo quanto é alegria
Está sempre de despedida

Há um saber em teu fundo
Igual ao do estóico grego
Face à demência do mundo
Temos de domar o medo

O medo, a tristeza, a dor
O fado menor os canta
Com a promessa maior
Que há no grito da garganta

E há palavras que já estão
Escritas no fado menor
Saudade, amor, solidão
Quem canta sabe-as de cor

Uma noite no passado
Ao dar voz ao que sentia
Alguém cantando o seu fado
Criou esta melodia

Regressamos sempre aqui
Ao fado menor velhinho
Pois quem está perto de si
Jamais ficará sozinho

5b**O MEU FADO PESSOA**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Num fado queria perseguir-te os passos
Pla baixa da cidade onde habitaste
Do vulto magro conheço-te os traços
Mas não o infinito que inventaste

Mensageiro maior entre universos
Fizeste o nosso olhar ver mais profundo
E encontro nesses teus rostos diversos
A chave para as máscaras do mundo

refrão:

Tua cidade-mãe é mãe do fado
E rima com o teu nome esta Lisboa
Com nomes de outra gente há tanto fado
Faltava haver o meu Fado Pessoa

Que queres, Fernando, que eu transmita nele?
Vem tu guiar-me a escrita, o canto a sós
Que o teu desassossego nos rebele
A não deixar morrer a nossa voz

Sentei-me no Martinho da Arcada
Fui ver a tua estátua no Chiado
E ao claustro onde vigia a tua ossada
Senti que me pedias este fado

Não sou grande cantor mas vou cantá-lo
Em simples versos meus o anuncio
Mesmo se o não ouvirem não me calo
Poeta é quem se bate com o vazio

refrão

À cidade de Ulisses regressaste
Pra seres o novo Orfeu em português
À luz febril da obra que criaste
Depois da morte reinas mais que Inês

O fado bruxo que houve em tua vida
Quis libertar-nos dessa maldição
De estar presos em espera de alma ferida
Ao louco e jovem rei Sebastião

refrão

6b**LUÍS DE CAMÕES NA CASA DE LINHARES**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Nesta sala onde estamos reunidos
Porque o fado nos toca os corações
Viveu um dia, outrora, em tempos idos
Um velhinho com o nome de Camões

Era o poeta, sim, o Luís Vaz
Que em pobreza aqui foi acolhido
Por parentes com riqueza capaz
De dar um lar ao génio desvalido

Eram dias de peste e tu doente
Sintomas da derrota colectiva
Um país em ruína, descontente
Tinhas Camões a morte por cativa

Com tua voz, Luís, terás chorado
O reino que contigo morreria
E aqui escrito deixaste o triste fado
Em versos teus que Amália cantaria

Não tinha tido o fado nascimento
Quando este tecto viu findar-te a vida
E o fado veio a ser o luto lento
Da lusitana glória já perdida

Outra poesia havia de inventar-se
Para invocar a luz que já escasseia
Tu sabias, Camões, viste-lhe a face
O fado é o órfão da epopeia

Laços há que só o tempo elucida
Como este que esta casa tem guardado
E o sítio onde Camões partiu da vida
É hoje um templo ao fado consagrado

Foram estas as paredes vitoriosas
Perante a fúria de terras e de mares
Entre cinzas, Lisboa ainda achou rosas
E uma delas é a Casa de Linhares

7b**FADO DO DESABAFO**Letra de **Nascimento Rosa**Música do **Fado Calixto**, de **Miguel Ramos**

Quiseste uma letra nova

Pra cantar um fado antigo

2 vezes: E eu vou compor essa trova
Como se ela fosse a prova
Do que ainda tens comigo (1.^a vez)
Do laço com que nos ligo (2.^a vez)

Tu podias ter pedido

Que outro poeta o escrevesse

2 vezes: Mas queres saber se estou ferido
Ou magoado, ou ressentido
E nos versos o escondesse (1.^a vez)
E foi esse o teu interesse (2.^a vez)

Eu acho que a nossa história

Acabou mal resolvida

2 vezes: Não cantes tu a vitória
Enquanto guardares memória
Da nossa paixão vivida (1.^a vez)
Da voz que te chamou querida (2.^a vez)

Não digas que sou cruel

Por cantar meu desabafo

2 vezes: O fado faz-me fiel
Ao que eu sinto em minha pele
Como o espinho de um agrafo (1.^a vez)
E da dor nem Deus está safo (2.^a vez)

Vejo que estás alterada

Com as palavras que digo

2 vezes: A zanga não leva a nada
Somos gente civilizada
Guerrear é um castigo (1.^a vez)
Serei sempre teu amigo (2.^a vez)

Talvez seja só ficção

Do meu gosto por enredos

2 vezes: E haja uma simples razão
Nessa tua sugestão
Despida de mais segredos (1.^a vez)
E em mim só estejam os medos (2.^a vez)

Será devaneio meu

Sou capaz de estar errado

2 vezes: Nada agora aconteceu
Apenas quiseste que eu
Te escrevesse um novo fado (1.^a vez)
Tivesse desabafado (2.^a vez)

8b**NATÁLIA CANTAVA**Letra e música: **Nascimento Rosa**

Quando Natália cantava
nas noites do Botequim,
calava-se quem lá estava,
só o piano a guiava
na canção até ao fim.

A sua voz de cantora
não era um secreto dom,
pois por vezes serão fora
não ia a poesia embora
mas vestia um outro som.

Fosse um *blues* ou fosse um fado
que Natália então escolhesse,
seu timbre audaz, encorpado,
deixava assaz fascinado
quem ali no bar estivesse.

Musical era a viagem
e embarcávamos com ela
entre o fumo e a miragem,
no canto havia a mensagem
para enfrentar a procela.

Cantava com a imponência
com que os versos lhe nasciam
nessa mágica ciência,
pacífica incandescência,
que só os poetas criam.

Podia ter feito vida
de cantora se o quisesse,
mas ficaria partida
a vocação desmedida
do verbo que permanece.

Natália, quantas saudades
de ouvir-te no Botequim;
gosto de cantar, tu sabes,
e na noite das cidades
a cantar lembro-te assim.

A tua voz de cantora
não era um secreto dom,
pois por vezes serão fora
não ia a poesia embora
mas vestia um outro som

9b**A LAVADEIRA NO TANQUE**Poema de **Fernando Pessoa**Música de **Nascimento Rosa**

[*refrão:*] A lavadeira no tanque
 Bate roupa em pedra bem.
 Canta porque canta
 e é triste
 Porque canta porque existe;
 Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez
Pudesse cantar nos versos
O que a essa roupa ela fez,
Eu perderia talvez
Os meus destinos diversos.

refrão

Há uma grande unidade
Em, sem pensar nem razão,
E até cantando a metade,
Bater roupa em realidade...
Quem me lava o coração?

refrão

10b**MINHA TERRA**Poema de **Florbela Espanca**Música de **Nascimento Rosa**

Ó minha terra na planície rasa
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viu o mar
Onde tenho o meu pão e a minha casa...

Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de folha... a dormir...
Meu anel de rubis a flamejar,
Minha terra mourisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu
Aonde a mãe que eu tive e que morreu
Foi moça e loira, amou e foi amada

Truz... truz... truz... Eu não tenho onde me acoite,
Sou um pobre de longe, é quase noite...
Terra, quero dormir... dá-me pousada!

[Ó minha terra na planície rasa
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viu o mar
Onde tenho o meu pão e a minha casa...]

11b**DIREI QUE A VIDA VALE UM BREVE FADO**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Dizem que hoje se canta muito fado
Deixai dizer quem diz o que quiser
Pois quem se mostra assim tão enfadado
Não tem razões pra sentir-se obrigado
Pode ouvir sempre outro canto qualquer

Ninguém está livre de se ver tocado
Por tão vasta paixão que a voz revela
Em cordas de guitarra o harpejado
Que abraça o som do verso musicado
Mergulhas nesta arte e já és dela

Eu desde muito novo invento fados
E a outras vozes dei-os a ouvir
Mas ninguém quis cantar esses recados
Era pra mim que estavam destinados
E eu só agora o vim a descobrir

Julguei que o fado não me pertencia
Apenas estando só eu o cantava
Não sei se a minha voz o saberia
Mas era o fado já que eu pressentia
Brotar na noite tal qual erva brava

Nos mares que a vida tem do desalento
Se neles vir o espelho do fracasso
Um fármaco de som eu acrescento
De mim faz marinheiro em pensamento
E atravesso no mar todo o sargaço

Irei cantar do modo que eu souber
Cantar até que o canto for escutado
E um dia no futuro que me espere
Quando esta voz em mim já não viver
Direi que a vida vale um breve fado

12b**DO FADO CATEDRAL**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Sobes a Rua do Norte

Estás no Bairro Alto antigo

Coração bates mais forte

É o fado a ditar-te a sorte

Mal avistas este abrigo

Na Travessa da Queimada

Acende a noite o seu lume

De um palácio foi morada

E hoje o brasão que a consagra

É o fado que a todos une

refrão: Café Luso, o nome teu
 tem raiz de Portugal
 E houve um poeta como eu
 Outro nome ele te deu
 Seres do fado a cathedral

Catedral desta fé lusa
que o mundo tem conquistado
Na voz vive eterna musa
Com as guitarras se cruza
E um deus nasce em cada fado

Lugar de tão longa idade
Onde o canto é partilhado
Fundado na Liberdade
Mudou de lar na cidade
Mas lar foi sempre do fado

Memórias maravilhosas
Faz o fado em cada dia
Torna em poemas as prosas
E das horas mais penosas
Extraí esta estranha alegria

refrão

13b**CANTAR FAZ-ME COMPANHIA**Letra de **Nascimento Rosa**Música do **Fado Isabel**, de **Fontes Rocha**

Eu não sei porque aparecete
Pra logo teres de partir
Como um sol em céu agreste
Que a gente olha e vê sumir

Tinha a vida acostuada
Ao latir da solidão
E era melhor não ter nada
Do que encher de nada a mão

Não sei como me iludi
Nesta idade que já somo
Contigo, amor, regredi
Tu escapaste e eu não sei como

Estou semelhante às crianças
Que aprendem o alfabeto
Mas só rascunho lembranças
De um breve romance inquieto

Dizem que a paixão se cura
Se outra lhe rouba o lugar
Acho que é verdade pura
Quando me ponho a cantar

O que escrevo neste fado
Alguém há-de ouvir um dia
É o meu mal a ser curado
Cantar faz-me companhia

14b**VAI, DANÇA COM ELA**Letra e música de **Nascimento Rosa**

Quem te disse que o fado não dançava
Mentiu-te para te deixar sentada
Vielas com viola onde há guitarra
Dançava a gente além da madrugada
Vielas com viola onde há guitarra, Ah!
Dançava a gente além da madrugada

Não são só trovas vindas do passado
Nem vozes mortas da cidade antiga
Se o corpo ouvir o som que vem do fado
Voltas a ser rapaz ou rapariga
Se o corpo ouvir o som que vem do fado, Ah!
Voltas a ser rapaz ou rapariga

refrão: Dá-me o teu braço
 Traz o teu gesto
 Traça no espaço
 Escapa ao cansaço
 De tudo o resto

A vida é plena
Se bailares nela
Faz uma cena
Sem dor nem pena
Vai, dança com ela

Quem te disse que o fado é só tristeza
Não viu no canto a chave da alegria
Mesmo que o choro embargue a voz já presa
Se tu cantares da noite fazes dia
Mesmo que o choro embargue a voz já presa, Ah!
Se tu cantares da noite fazes dia

Há tantos modos de habitar o tempo
Que às vezes não sabemos bem vivê-lo
É rio que passa breve e vai sedento
E num só fado a gente quer contê-lo
É rio que passa breve e vai sedento, Ah!
E num só fado a gente quer contê-lo

refrão

15b**TEMPO DE SORRIR**Poema de **Tiago Torres da Silva**Música de **Nascimento Rosa**

Dezembro é um mês antigo
Um mês em que eu não consigo
Esquecer-me da minha infância.
O futuro que eu não quis
Torna tudo mais feliz
Quanto maior a distância

Havia risos e pais
E promessas de Natais
Que ninguém consegue honrar
Promessas que eram regadas
Com doces e rabanadas
Que a avó deixou queimar

Nas casas, junto à lareira
As noites de sexta-feira
Nem tentavam impedir
Perguntas que só são postas
Porque não têm respostas
Quando é tempo de sorrir

[E] hoje, já não há perguntas

As pessoas não estão juntas

Nem há presentes pra mim

Natal já não somos nós

Sou eu e tu sempre sós

Num mês que não vai ter fim.

[Havia risos e pais

E promessas de Natais

Que ninguém consegue honrar

Dezembro é um mês antigo

Um mês em que eu não consigo

Esquecer-me da minha infância.

O futuro que eu não quis

Torna tudo mais feliz

Quanto maior a distância, a distância

Dezembro é um mês antigo]

16b

O FADO DA FORTUNALetra e música de **Nascimento Rosa**

Eu hei-de abrir caminho por meus passos

Marcados no asfalto deste som

A estrada de uma vida tem mil braços

Pra chegar junto dela por um só

Destino é fado e todos o sabemos

Mas da vida não sei ao dar-lhe voz

Será o fado o que dela fazemos?

Ou é fado o que a vida faz de nós?

refrão: Abro o peito na brava tempestade
 Ao fado que há nas frases da guitarra
 É ritual pagão de uma outra idade
 É roda da fortuna a mais bizarra

Ó alma mal desperta à luz do dia
Ó voz de encantamento e maldição
Chegas à noite, fado, eu já sabia
Que vens roubar-me ao sono, à solidão

Acho-me novo e com vontade forte
Se o meu cantar se ouvir como um abraço
Viajo e levo a mochila da sorte
Que a música me dá quando eu a faço

Os campos atravesso vagabundo
Preciso das cidades noite adentro
O fado é jogo em que se perde o mundo
Pra depois o ganhar em sentimento

refrão

17b

TEU NOME ESCRITO NA AREIA

Letra de **Nascimento Rosa**

Música do **Fado Carriche**, de **Raúl Ferrão**

Teu nome escrito na areia

A maré veio apagar

Nestes versos eu chamei a

maré só pra te lembrar

Somos amantes defuntos

Que o tempo já separou

Mas fomos felizes juntos

No Verão que o mar abraçou

O sal com que tu sorrias

As mãos no corpo molhado

Foram nossas alegrias

Hoje são cinzas num fado

Nós dois ao sol em mergulho

Vejo-nos na tarde a rir

Gozando esse mar de Julho

À espera de haver porvir

Teu nome escrevo na praia
Onde o mar virá bater
Pra que da areia ele saia
E enfim te possa eu esquecer

E antes que venha outra vaga
Teu nome volto a escrever
Mas se o mar a areia apaga
Não há mar pra te esquecer
Mas se o mar a areia apaga
Mar não há pra te esquecer

18b**A DOR DO UNIVERSO (Fado metafísico)**Letra e música de **Nascimento Rosa**

O fado mostra a face da emoção
em versos sobre o drama original,
macera-lhe esta mágoa o coração:
ser pouco o que há de bem pra todo o mal

Cantar o fado é uma filosofia
a falar-nos da alma torturada,
expulsa dos Céus aqui na Terra expia
os erros seus de uma vida passada

A alma tem saudade de um além
que já esqueceu mas onde foi feliz,
ao corpo presa julga-se ninguém
e o que sofre só, no cantar o diz

refrão: Se a minha voz souber o que há no fado,
achará nele um espírito possesso,
pla miséria do mundo revoltado,
grita a cantar a dor do Universo

A este palco um dia voltarás,
ter esperança n'alegria é o nosso espanto,
dos vivos a beleza se desfaz,
do fado fica o eco do meu canto

Nos becos aturdida vê saída,
ela procura a luz que traz em si,
acendalha de Deus adormecida,
no canto triste acorda em frenesi

O fado é moira grega e profecia
lançada no deserto em escuridão,
a estrela que o desperta e alumia
é a alma a pedir libertação

A alma tem saudade de um além
que já esqueceu mas onde foi feliz,
ao corpo presa julga-se ninguém
e o que sofre só, no cantar o diz

refrão

19b

UM HERÓI POR TRÊS MINUTOSLetra e música de **Nascimento Rosa**

Outrora sonhei cá vir
Tinha eu uma tenra idade
Agora quis competir
Só te oiço dizeres-me a rir
Que perdi a validade

Estou careca de saber
Que o meu tempo não passou
Pois nem tu me irás deter
Sou teimoso, podes crer
Fiz a canção e aqui estou

refrão: Que faço eu no festival?
 Um herói por três minutos
 Não me quero sair mal
 Já me chamaram brutal
 Mas isso diz-se dos brutos

Gostei desta melodia
Disseste que soa a fado
Que bom, eu bem me parecia
Haver nela esta alegria
De vencer sem ter ganhado

Melhor fora estar em casa
Vendo os outros no ecrã
É assim que ela me arrasa
E eu mando beijos pra casa
- Amor, até amanhã!

Mas se o júri não escolher
Minha trova popular
Não me vou aborrecer
Eu não tenho mau perder
Nem deixarei de a cantar

refrão

Que faço eu no festival?
Um herói por três minutos



Nascimento Rosa e Mário Rui Teixeira (foto de **Ricardo Rocha**)

FICHA ARTÍSTICA do CD

O FADO É ESTRANHA ALEGRIA

Mário Rui Teixeira: Produção e direcção musical, piano, arranjos, percussão (Cdb), programações e misturas

Nascimento Rosa: Voz, composição* e líricas**

*outras autorias musicais – 7a: Fado Súplica, **Armando Machado**; 15a: Fado Corrido, popular; 4b: Fado Menor, popular; 7b: Fado Calixto, **Miguel Ramos**; 13b: Fado Isabel, **Fontes Rocha**; 17b: Fado Carriche, **Raúl Ferrão**.

líricas de outros autores – 8a, 11a e 9b: **Fernando Pessoa (e 1a é uma glosa de **NR** a «Autopsicografia» de **FP**); 3a: **Natália Correia**; 13a: **Miguel Torga**; 14a: **António Patrício**; 10b: **Florbela Espanca**; 15b: **Tiago Torres da Silva**.

Miguel Silva: Viola de fado, bandolim e rajão

Manuel Ferreira: Guitarra portuguesa (CDa)

João Vaz: Guitarra portuguesa (CDb)

Paulo Neves: Baixo acústico

Jaume Pradas: Percussões (CDa)

João Cágado: Arranjos (contributos em: 9a, 21a, 6b, 10b, 14b, 15b, e 16b)

Músicos e cantores convidados:

André Baptista (Voz: ‘Há sempre um fado corrido’)

António Barbosa (Violino: ‘Comboio de corda’)

Duarte (Voz: ‘Memória incerta’)

Maria Repas Gonçalves (Voz: ‘Vem dos lados da montanha’)

Vanda Junot (Voz: ‘Um fado ao Jorge Fernando’)

Vânia Duarte (Voz: ‘Vem dançar comigo um fado’)

Gravação: MR Estúdio, Manique de Cima, Sintra (CDa, *O Poeta e o Cantor*, 2-4/2019; CDb, *Fado Altas Horas*, 10/2017-1/2018)

Foto de capa: **Ricardo Rocha** com o contributo de **Pedro Soares**, na imagem do pano de fundo, numa montagem de **Rita Teixeira**

Design do invólucro do CD: **Rita Teixeira**



Capas dos primeiros dois singles do duplo álbum, em edição digital pela CD Baby, com fotos de **Terry Cripps**, captadas no Omnibus Theatre, em Londres.



Foto de concerto no Omnibus Theatre, em Londres, na 4.^a edição do Out of the Wings Festival, 31/7/2019, com **Bernardo Martins** na viola clássica (foto de **Terry Cripps**).

Apoios

À gravação e produção em estúdio: Gabinete de Projectos Especiais e Inovação do Instituto Politécnico de Lisboa; Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores.

À impressão e multiplicação de cópias físicas: Câmara Municipal de Évora; Câmara Municipal de Ponta Delgada.

À divulgação e difusão pública do repertório: Museu do Fado; Rádio Amália; RDP - Antena 1; Luciole International Theatre Company.

O presente documento foi redigido sem atender ao Acordo Ortográfico.